

da um ano quando se instalou glaucoma bilateral, sem os caracteres da forma aguda. Operámos A. O., sem acidente de qualquer especie. As escleretomias se mantiveram abertas nos primeiros dias fechando-se em seguida, sem que até hoje a hipertensão voltasse a se manifestar.

A acuidade visual do O. D. se mantém inalterada. A do O. E. é nula, sem percepção luminosa. Todos os exames clinicos possiveis foram feitos nesta enferma, pelos melhores profissionaes do Rio. Varios tratamentos foram ensaiados, inclusive a radioterapia profunda, sem que houvesse algum deles conseguido levar a paciente alem do muito que foi conseguido com a tuberculina. Tem obnubilações visuaes, cefaléa, vertigens, angustia, crise de taquicardia e é por causa destes fenômenos que se trata.

Tenho para mim que é um caso autentico de doença de Besnier-Boeck-Schaumann, e a sua natureza tuberculoza não poderá ser contestada diante do acervo de fatos que enriqueceu a sua observação.

Tudo nos diz, neste caso, que se trata de uma forma de tuberculose, e que as lesões são de um sistema e não se acham limitadas ao aparelho da visão. Mas, porque taes lesões regridiram, como por encanto, sob a influencia da tuberculina, enquanto taes outras, escaparam a esta subordinação terapeutica?

Meus senhores — Não irei mais longe na enumeração e apreciação de tão interessantes fatos, para cujo esclarecimento eu me acuso de não haver contribuido. Contudo, sentir-me-ei sinceramente feliz se tiver feito despertar em vosso espirito, pelo menos, o interesse na verificação das razões em que me inspirei para vos ditar a sumula de tão obscuros problemas.

PALESTRA INAUGURAL DO CURSO DE HIGIENE OCULAR

HERMINIO DE BRITO CONDE — Rio de Janeiro.

Secretário Geral da Liga Nacional de Prevenção da Cegueira.

No prosseguimento do plano de iniciativas tendentes á melhoria das condições sanitárias da população, fez incluir a Secretaria Geral de Saúde e Assistência, sob a direção esclarecida do Dr. Jesuino de Albuquerque, um conjunto seriado de palestras relativas á higiene ocular.

A escolha de uma especialista estranho ao quadro das atividades sanitárias locais enseja a livre apreciação dos resultados obtidos na administração do Prefeito Henrique Dodsworth, por intermédio dos

orgãos municipais direta ou indiretamente relacionados com a tarefa de promover ou estimular a higiene visual. Tal é a amplitude deste complexo problema médico-social, **quasi todo situado fóra da alçada direta do oftamologista**, que ele envolve, indiretamente, o labor integral das Secretarias de Saúde, Educação e Cultura e, mais diretamente, as atividades dos ambulatórios de olhos dos Centros de Saúde, das Escolas, de Inspeção Médica e atenção do Serviço de Propaganda Sanitária.

Acertou em vários pontos a direção deste ultimo órgão municipal, encaminhando a providência da realização de um **conjunto seriado** de palestras abrangendo a totalidade do problema da higiene visual. Esta é, com efeito, uma questão de fóro íntimo de quantos usam intensivamente os proprios olhos ou têm os alheios sob a sua responsabilidade. Entre os primeiros contam-se os que exercem as chamadas **profissões visuais**, administradores públicos e particulares, advogados, escreventes, telegrafistas, escritores, bancários, professores, gráficos e tantos outros; entre os segundos, os pais e os professores, os patrões, os óticos, os oculistas, os luminotécnicos, as enfermeiras, as gestantes, as parteiras, os obstetras, — estes últimos responsáveis pela prevenção de quarenta por cento dos casos de cegueira (devidos, no nosso meio, á oftalmia dos recém-nascidos). Dos restantes sessenta por cento a metade cabe prevenir aos educadores em geral e, assim, apenas trinta por cento dos clínicos oftalmologistas, procurados para o tratamento das doenças oculares intoleradas. Restrita e difícil, pois, a esfera de ação direta reservada aos oculistas.

Em toda parte é feita a vulgarização do problema da higiene ocular incluindo o método de palestras compulsoriamente seriadas, atendendo á amplitude do tema. Trata-se de iniciativa, nesse gênero, pela primeira vez tentada no nosso meio. O encargo, evidentemente pesado, atribuído a um especialista, visou prevenir a inevitável dissidência doutrinária em pontos interpedendentes do programa, com o possível sacrificio da finalidade primacial de esclarecer. A miopia, para exemplificar, constitúe não apenas um intrincado problema de oftalmologia, mas de biologia, tornando as gerações hereditariamente predispostas aos caracteres oculares adquiridos. Culminando os acertos dessas diretrizes bem orientadas seria admissível por fim, a incidência de algum desacerto. E este não tardou, na escolha do técnico incumbido da execução da tarefa. Esta foi assim distribuída, obedecendo a um programa de palestras semanais, objetivadas preferentemente em gravuras projetadas na tcla:

- I — Introdução ao estudo da higiene visual; a neurastenia ocular de Machado de Assis.
- II — Doenças dos olhos do período escolar;
- III — Doenças dos olhos de origem hereditária e doenças oculares da infância;

- IV — Doenças dos olhos resultantes das doenças gerais; doenças contagiosas dos olhos;
- V — Influencia da profissão, da vida social, do clima e da raça sobre as doenças dos olhos;
- VI — Métodos de prevenção da cegueira, nacionais e estrangeiros; instrução do povo e dos médicos.

Passamos á consideração do assunto que constitue o objeto da primeira parte da primeira palestra: introdução ao estudo da hygiene visual.

I — Introdução ao estudo da hygiene visual

O estudo da hygiene visual reclama a subdivisão do assunto em cinco partes: 1.º) — evolução; 2.º) — complexidade atual e perspectivas futuras; 3.º) — o problema no estrangeiro; 4.º) — o problema no Brasil; 5.º) — análises materialista e espiritualista do problema. Procuraremos focalizar, por intermédio de gráficos, algumas particularidades dos aspéctos citados, — método que pretendemos adotar nas demais palestras. Por fim, abordaremos o caso clinico oftalmológico de Machado de Assis, tomando como paradigma da situação de inumeráveis “desajustados visuais” o drama ocular que tanto affligiu e, evidentemente, influenciou a feição literaria do estilista que “viveu **intensamente** da arte”.

A hygiene ocular é fator de economia social e de cultura, leiga e religiosa. Assim o entendem, mobilizando todos os seus esforços, cientistas, dirigentes e filantropos dos povos mais evolucionados, — nessa rubrica incluídos o Uruguai e a Argentina, países que tivemos a ventura de visitar recentemente e de cuja atividade no dominio da oftalmologia social faremos focalizar na tela alguma documentação. Sem olhos normais ou normalizados e adequada iluminação, natural ou artificial (ou natural e artificial) é impossivel percepção visual perfeita. E sem esta, sobrevêm as inevitaveis limitações de saúde, de bem estar e de atividade organizada. “Agora eu posso agradecer a Deus o ter me dado olhos”, — exclamou extasiado entre o panorama descortinado da **Vista Chinesa**, ilustre visitante estrangeiro.

Apresentamos o paradoxo de um país portador de elevadíssimo índice de cegos, de numeravel número de doentes dos olhos e de reduzido corpo de oculistas. A conclusão é obvia: ausencia generalizada da **conciencia ocular**, estado de espirito coletivo alcançando somente após lento e gradativo trabalho de preparação psicológica dos administradores e da massa popular. Observada por este prisma, a presente iniciativa da Prefeitura do Distrito Federal apresenta, ainda, a probabilidade de influencia a especialização de médicos ou estudantes de medicina, de outro modo indiferentes á oftalmologia; há para 1.574 municípios brasileiros, 561 especialistas em doenças dos olhos, adensados em pouco mais de cem municípios.

Regiamente compensados devem se considerar, ainda, as autoridades sanitarias municipais si estas palestras concorrerem para maior aplicação da **oralidade** na metodologia do ensino. A leitura e a escrita constituem flagelo relativamente moderno da fisiologia ocular. A civilização grega consagrou a tradição oral. Cristo nada escreveu. Usou sempre a palavra, o **Verbo** do Sermão da Montanha, no qual antecipando-se de dezenove séculos á medicina experimental advertiu a inviabilidade de um corpo sadio portador de olhos doentes. A sabedoria bíblica, condensada no **Eclesiastes** — alude ao “enfado da carne que é o muito estudar” e o **Gênesis** denuncia a primitiva intenção divina de amena utilização ocular na vida do homem. Depois foi decidido que **com dôr**, todos os dias, ele comesse os frutos da terra...

Incumbe á civilização industrial — —responsavel pela intensificação contemporânea do trabalho visual — suavizar aquela dôr peregrina, de que no último quartel da vida foi vítima resignada o príncipe da nossa literatura. Suavizar, sobretudo, ensinando, advertindo, aconselhando. “Poupai os vossos olhos”, — é o dístico da nova cruzada. E’ preciso ensinar o aluno a cuidar dos olhos no árduo periodo escolar, em que é submetido a obrigações extranaturais, e que em casa transmita aos pais as noções aprendidas na escola, — “chave de qualquer combate profilático na sociedade moderna”. (Castro Barretto). E’ preciso recordar ao mestre a fisiologia da visão, — e que este, poupano os próprios olhos, também previna o constrangimento de ter assistido como cúmplice inconciente, á inutilização gradativa dos órgãos com os quais é dado aos seus discípulos ganhar a vida e conhecer a obra do Criador. E’ preciso ensinar os administradores a furtar a vista da **neurastenia ocular**, — para que dirijam a máquina da civilização sem descontinuidade, nem sacrificio pessoal. E’ necessário advertir o patrão sobre a utilidade de racionalizar a visão dos empregados, — atingindo a dúplici finalidade de aumentar-lhes a produtividade e o bem estar. E’ preciso prevenir o embotamento da vista dos escritores, para que desfrequentado o céu dos seus olhos, não se lhes entorpeça a missão divina de aproximar o povo de Deus. Já foi dito que duas graves ocorrências podem suceder ao homem: nesta vida não ver a criação de Deus; na outra, não ver o Deus da Criação. Por isso aludimos, na análise espiritualista do problema, á sua relevância como fator de cultura religiosa. Em relação, ainda, do aspéto da formação cultural, nada mais expressivo do que a fase escolar da vida do illustre parlamentar Sátiro Dias, afastado inicialmente da escola como “retardado” e depois de haver reajustado a visão, brilhantissimo collegial, autoridade em assuntos educacionais, escritor e chefe de Estado.

O problema da higiene visual apresenta aspéto diversos, consideradas as populações do interior e dos grandes centros. Nestes é mais violenta a agressão á fisiologia ocular, e a crescente industrialização do país reclama a difusão de ensinamentos preventivos. Em nenhum se-

tor a medicina social se revela tão operante quanto no domínio do afastamento de estados mórbidos oculares. Os olhos são uma emanção delicadíssima do cérebro, — exteriorizada e portanto exposta às agressões e ao abuso. Por intermédio deles efetuamos cerca de 90% da nossa atividade. **Oculis fidelibus** denominou-os Horacio, acentuando o contraste com as informações precárias dos outros órgãos dos sentidos. **Martius** depõe sobre a agudeza da vista do índio brasileiro nas caçadas, que os ágeis e belos olhos do menino do morro do Livramento converteria em perseguição às lagartixas e aos ninhos dos pássaros.

O abuso dos olhos nos grandes centros de “vida intensificada” parece, ao nosso ver, o ponto mais relevante a focalizar entre os aspectos de evidente interesse para as populações litorâneas, aliás dois terços do conjunto demográfico nacional. As consequências nocivas são manifestas. Dos 403 cargos e carreiras profissionais, em que se distribuem os servidores do Estado, 366 são caracterizados pelo emprego da extra-natural visão contínua, de perto. As deficiências oculares ocupam o primeiro lugar entre as causas de inabilitação na inspeção médica dos candidatos aos concursos do D.A.S.P., segundo os exames procedidos pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

II — A neurastenia ocular de Machado de Assis

O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. — Machado de Assis.

Tomamos, nesta palestra inaugural, como paradigma o caso oftalmológico de Machado de Assis porque, tendo embora atuado em outro tempo, o máximo romancista para atender às exigências do trabalho literário acumulado com o de modelar burocrata, viveu a nossa “vertigem ocular” dos tempos presentes. Nele se podem revêr todos os estudiosos e intensivos trabalhadores visuais.

Adquiriu a miopia no **ofício tipográfico**, em que se iniciou nos albôres da adolescência. Aos vinte e cinco anos de idade a pena de Henrique Fleiuss principiava a caricatura-lo com o **pince-nez** oval que o acompanharia depois, orientado sempre para a posição da escrita e da leitura. Intensificado o trabalho visual, com as solicitações financeiras decorrentes da imprevista formação do lar, sofreu, ao ingressar na maturidade, a mais grave crise de **neurastenia ocular**. Registrou-se, então, o apêlo a um eminente especialista de olhos, Hilario de Gouvêa, que o aconselhou a interromper os trabalhos e rumar para o campo.

Aos quarenta anos Machado de Assis, um quarto de século após a descida do morro, reentrava, forçadamente, em contato com a higie-
ne mental e ocular...E’ dessa quadra o **Braz Cubas**, ditado em Fri-

burgo á D. Carmo, anagrama no qual a argucja de Phoncion Serpa desenvolveu o carinho de um amor conjugal immaculado e a quem, depois, a viuvez dedicaria a comovida oração do famoso soneto á Carolina:

“Que eu, si tenho **nos olhos malferidos**,
Pensamentos de vida formulados
São pensamentos ídolos e vividos”.

Os cultores da lingua podem deduzir que o poeta que, no conceito de Ruy, “prosava como Frei Luiz de Souza” atribuiria aos seus olhos a condição de “malferidos” somente em face de grave doença orgânica ocular que a sumidade oftalmológica não enviaria á cura espontânea no interior ou, o que certamente foi o caso, empresença de “distúrbio funcional” dos olhos, de incomum repercussão na saúde geral.

A **neurastenia ocular** é um estado periódico de extremo desconforto dos olhos, determinado pela fadiga continua. Observe-se, segundo Morax, “a partir da adolescência, em seguida a provações, cansaço mental ou preocupações”. A situação agrava-se nos anómalos visuais, sobretudo si essa condição não se encontrar devidamente corrigida.

Era o caso de Machado de Assis. As suas lentes, que figuraram na **Exposição Centenária de 1939**, promovida pelo Ministério da Educação e Saúde, hoje constantes do museu da Academia Brasileira de Letras, apresentam-no, segundo a mensuração que procedemos, por nímia gentileza da direção dessa Casa, — miope de quatro dioptrias, em ambos os olhos **para perto**, — miopia simples. Além destas, no decurso da maturidade e da velhice, necessitaria de outras, mais fortes, de que deverá ser portador para longe, e **que não possuía**, segundo o depoimento uniforme de vários dos seus e também nossos contemporâneos. Impunha-se o uso de vidros **bi-focais** que, ao tempo, para a correção miópica, seria necessário fazer vir da Europa.

Há indício da presença de astigmatismo, também não corrigido nas lentes do singelo **pince-nez**. O rudimentar instrumento ótico, utilizado segundo as gravuras e fotografias conhecidas, para a visão dos objetos próximos, deveria ensejar, **para longe**, baixa agudeza:

- 1.) — pela graduação insufficiente;
- 2.) — pelas imagens indistintas peculiares á focalização através dos bordos, por onde seria forçado a mirar;
- 3.) — pela má qualidade das lentes, atualmente de venda interdita;
- 4.) — pela uniformidade bi-lateral da graduação, quando ha indícios de desigualdade de agudeza de uma para outra vista (anisometropia);

5.º) — pela escolha pessoal das lentes, nas casas de ótica, segundo o nocivo hábito da época, hoje proibido, e o depoimento de empregados do balcão, ainda vivos.

As referências ao estado ocular do mestre são frequentes em prosa e em verso, quer na sua correspondência e outros documentos de natureza íntima, quer através dos personagens autobiográficos. Há também alusão de outrem aos seus perfeitos olhos da juventude, aliás gravados em excelente fotografia do **Catálogo da Exposição Centenária** (V. For. 1). “Aprazia-me lêr-lhe no **olhar movel e ardente a febre da imaginação**”, — é o depoimento de Caetano Filgueiras, de tal modo fixado no inconciente do romancista de **Esau e Jacob** que, mais tarde, ao revêr-se na **jovem Flora** citou-lhe os “olhos grandes e claros, **dotados de um mover particular**, que faria amavel a cara de um avarento”.

E', certamente, um quadro descrito com a pena da saudade porque, então, já o abuso dos olhos conduzira o cronista da **Semana** aos acidentes desta situação, publicamente confessada: “Imagina que me dóe a testa em um só ponto escasso, no **sobr'olho direito**; a dôr **não precisa de extensão grande para fazer padecer muito**, contenta-se às vezes com o espaço necessário à cabeça de um alfinete. Também esta reflexão é banal, mas tem a vantagem de acabar a crônica”.

Provavelmente levaria o mestre à conta do estado geral as suas condições oculares, **tomando a causa como efeito**. Hipótese aceitável atendendo-se ao tradicional receio do conhecimento das suas condições, traduzidas na estranha aversão aos especialistas dos nervos e dos olhos. Temia apurar o que nas suas cartas apelidava de “males acesorios”. Exilado Hilario de Gouvêa, não ha vestígio de consulta a outros oculistas, comquanto o Rio de Janeiro por esta época, já os contasse em qualidade e número satisfatórios. Da epilepsia — mal **secundário**, entretanto **essencial** na sua concepção de leigo — limitava-se a fazer, na premência das crises, o tratamento sintomático com Miguel Couto. Este, si o tentara, de certo teria encontrado maior soma de dificuldades no conduzi-lo ao exame especializado de Juliano Moreira do que, mais tarde, as advindas em todo o decurso da acidentada atuação parlamentar antinipônica... Impõe-se à biografia do mestre a revisão da sua doença.

Preferia enganar-se com eufemismos que encobriam o pudor das íntimas verdades, e denominava “aftas” ao cancer lingual dos tempos finais da vida; “fenômenos nervosos”, às crises epiléticas... Com esse estado de espírito trataria a limitação do seu estado ocular: “A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam”.

E' improvável que o cronista admitisse a sério este conceito errôneo de **miopia**, tão infundado quanto a piedosa lenda, generalizada nos nossos dias, de que os cegos possam, em algum trabalho, revelar superioridade sobre os videntes. Aliás, muito antes, no impercível

“**Parecer** sobre a reforma do ensino primário” o gênio oniciente de Ruy Barbosa, versando interessantes aspétos do problema da higiene ocular nas escolas, havia fulminado aquele “erro popular” alusivo à miopia (pags. 324 e seguintes).

Míope de longa data, portador de complicadas anomalias não corrigidas, astigmata e anisométrico, a **neurastenía ocular** culminaria fatalmente, ao dealbar da maturidade, em consequencia do **intensivo e desajustado** esforço visual de Machado de Assis. Os astigmatas que tiveram a ventura de fazer corrigir a incômoda ametropia encontram-se em condições de estimar esse aspéto parcial do perene sofrimento ocular do grande romancista.

O “equilíbrio” perfeito do **Memorial** foi obtido quando os **olhos malferidos** do escritor, se achavam embotados pela hemeralopia e a catarata; ao revés, o **Braz Cubas** é produto esporádico de um instante de angústia visual, sendo de adotar o conceito de que constituiu, **um momento** da obra machadiana, não a sua filosofia da vida. Esta, como observou Nabuco, deve ser aferida pelas **ultimas produções**, quando, amortecidos e semi-céegos, os olhos do beletista, com a baixa proporcional do desajustamento, haviam serenado a inglória tarefa de espinha **irritativa** do gênio das letras. Simultaneamente atenuaram-se as crises epiléticas da maturidade, agora, com precisão científica, rotuladas de **ausencias** nos apontamentos machadianos.

Henrique Roxo admite a **epilepsia latente**, desencadeada reflexivamente pela visão “dos portadores de defeitos de refração ou de **outras pequenas causas** de irritação continua, muitas vezes localizadas em pontos distantes do cérebro, otites, polipos nasais”, — aparentemente incapazes de culminar no aparatoso drama do **morbus sacer**. Kraepelin e outros grandes psiquiatras pensam do mesmo modo. Não é este o momento oportuno para contestar a suposta infâmia doentia ou indevassavel do extraordinário escritor; os depoimentos esclarecedores, mormente os autobiográficos, são relevantes: as façanhas domésticas do filho único, “expressões de um **espírito robusto**”, enchem de admiração o pai do menino “matreiro”, “inventivo e travesso”, perito no “caçar ninhos de pássaros ou perseguir legartixas nos morros do Livramento e da Conceição” (**Braz Cubas**, pags. 47 e 62); “eu nunca esqueci cousas que só vi em menino” (**Memorial**, pag. 107); “agora muita cousa me passa, muitas se confundem, algumas trocam-se” (**Memorial**, pag. 257), “era vivo, era travesso”... (Caetano Filgueiras, prefácio das **Crisálidas**); apaixonado do bel-canto na juventude, descia **em aclamações** a rua dos Ciganos, puxando o carro da prima-dona: “O’ tempos! O’ saudades! Tinha eu vinte anos, um bigode em flôr, muito sangue nas veias, e um **entusiásmo, um entusiásmo capaz de puxar todos os carros**, desde o carro do Estado até o carro do sol”. (**Ilustração Brasileira**, 15-7-77).

E' evidente que se não fôra esta a sadia juventude de Machado de Assis os futuros cunhados, que o guerreavam sem trégua, movidos pelo preconceito da côr, encontrariam o reforço do **argumento comicial** para demover a irmã de um casamento temerário. Aliás, a inviabilidade da hipótese encontra decisiva afirmação na experiência da psiquitria que desautoriza a vida longa dos portadores de epilepsia **surgida nos primeiros tempos da existência**. Casando-se aos trinta anos, o grande estilista "teve a **primeira crise**" dois anos após (D. Francisca de Basto Cordeiro).

A **neurastenia ocular** do autor de Braz Cubas positivou-se aos trinta e dois anos de idade, consecutivamente à fadiga diuturna de cinco lustros de trabalho ocular e às preocupações morais e econômicas decorrentes do inopinado matrimonio. O "divisor de aguas" então observado na produção literária, marcando-a com **novo selo pessoal**, é sensível: os personagens, portadores de paroximos psíquicos, são **delirantes**, radicalmente diversos dos individuos normais da primeira fase... Os temas bucólicos do colaborador da "Marmota" cederam o lugar a autênticas páginas de psicopatologia. Pena de amigo, por essa época, perfilou-se fisicamente como "pretexto para uma alma andar pelo mundo"... A outro amigo desculpava-se de não poder assumir novos encargos, devido a um dos graves acessos dessa quadra e que **há dias o retinha em casa**. (Catálogo, pag. 83). O tipo físico, flagelado por manifestações várias do **complexo oculo-nervoso**. (cefaléias, gagueira, vertigens, perturbações intestinais, etc.) fixara-se em definitivo e a era dos perfis, nas revistas lítero-humorísticas, entre estas o "Mosquito", não o pouparia.

"E' pequeno e vê mal; quando fala gagueja,
Em pobreza nascido, eis que o tipo seduz;
Mimo e graça na voz; por dentro manhã e luz".

Na puerícia, vivendo à solta, o autobiográfico **menino diabo** fazia devastações nos morros desabitados e a operante **atiradeira** era bem a miniatura urbana dos arcos dos indios de Martius.

A necessidade da **vida ao ar livre** para os míopes, entrevista de longa data, parece ter encontrado interessante pista de elucidação nos trabalhos da escola de Nancy, apresentados no último **Congresso Internacional de Oftalmologia**, reunido no Egito, alusivos à correlação entre os olhos e as glandulas endócrinas. Os olhos não são apenas o espelho da alma; depois de se haverem constituído a **chave** da neurologia, agora são denominados o "espelho da hipófise", glândula que, como se **sabe**, comanda as demais. A ação estimulante dos olhos se faz por intermédio do excitante luminoso, via retina. A importância desses estudos é óbvia para o nosso país, portador da única vicilização tropical existente no mundo.

No caso de Machado de Assis que, uma vez descido do morro, constituiu-se habitual infrator da higiene mental e ocular, vivendo na penumbra de sedentários ofícios, responsáveis pela agravação da miopia, — **refração dos intelectuais**; jantando, por solicitação da contínua fotofobia, “sem sol, sem luz e sem mosquitos”; suportando as estações na uniformidade da escura indumentária, ha os seguintes pontos a considerar:

1.º) — o círculo vicioso da **introversão miópica**, comum nos intensivos cultores da arte, fazia crescer e complicar as condições da anomalia ocular e, reciprocamente, esta as da introversão;

2.º) — furtando-se à luz, privava a “glândula mestra” do excitante natural;

3.º) — descompensado o equilíbrio neuro-negativo, sobrevieram perturbações de várias procedências:

a) — traumatismo moral **prolongado**, conseqüente à hostilidade da família da noiva;

b) — condições econômicas difíceis em que realizou, imprevistamente, o casamento;

c) — excesso contínuo de trabalho e repercussão ocular inevitável, mais acentuada no olho direito;

d) — vida gradativamente confinada pelo trabalho e pelo receio das **crises epiléticas** em público;

e) — cancer da lingua, consecutivo às mordeduras no decurso das crises;

f) — subnutrição, produzida pela dificuldade da ingestão de alimentos;

g) — cegueira noturna (hemeralopia) e possivelmente catarata, esta denunciada pelo aumento anormal da miopia na velhice, e ambas decorrentes da desnutrição;

h) — sensibilidade à luz (fotofobia) testemunhada pela escritora Abel Juruá e outros visitantes que, na fase final, o deparavam “com as pálpebras cerradas”;

i) — morte **plácida** e **serena** no Cosme Velho.

Tal foi o plano inclinado pelo qual resvalou o mestre, da modesta eminência do morro do Livramento à gloriosa planície do cemitério de São João Batista. A máscara mortuária existente no Instituto Histórico traduz, na eloquência da sua mudez, a perene congestão do mais dinâmico aparelho ocular porventura posto ao serviço das letras no Brasil.

Considerando útil minudenciar a influência das condições oculares sobre o estado geral do grande estilista, particularmente no tocante à epilepsia. Este conceito, moderno em relação à patogenia do **mal**

sagrado, fôra entrevisto por cientistas brasileiros, entre eles Henrique Roxo e Afranio Peixoto. Pertence a este a concepção, hoje universalmente adotada, da epilepsia como uma “congenita imperfeição orgânica que **circunstâncias diversas** permitem ou **impellem a se declarar em uma perfeita exteriorização sintomática**”. É impossível definir melhor.

O belestria Machado de Assis foi muito analisado até as vesperras do centenário, em 1939; daí por diante, enriquecido o seu documentário com luminosos inéditos firmaram-se, sobre o concreto de fatos definitivos, os estudos em torno do **homem**, do qual necessariamente decorria o artista. Claude Bernard, com razão, já prefigurava o dia em que o psicólogo, o poeta e o fisiólogo falaria a mesma língua. O estudo da nosografia machadiana, prenunciado pelo organizador da **Exposição** como conveniente “nas minúcias mais humildes” (A. Meyer, **Introdução** ao Catálogo), teve a sua utilidade antevista na observação do proprio autor de **Helena**: “...as dôres alheias fazem lembrar as proprias”...

São indiscutíveis as crises alternativas de **introversão** e **extroversão** traçadas com maestria clínica no livro de Peregrino Junior (**Doença e Constituição de Machado de Assis**). Lucia Miguel Pereira, Mario Mattos e outros autorizados biógrafos também depõem sobre a presença deste característico do temperamento epileptoide. Resta fixar as fronteiras da contribuição do **fator ocular** na patogenia do estado mórbido, “determinante ou modificador” da segunda fase do gênio literário machadiano. Foi o que tentamos indicar, embora sumariamente, dado que os temas biológicos comuns, em referência ao extraordinário estilista, “o maior milagre humano realizado no Brasil”, assumem aspéto enigmáticos e infinitos. “As suas próprias misérias participarão da consagração da fama”, — vaticinou um dos seus críticos.

Ferindo a nota dos achaques mais conhecidos, observa Eloy Pontes na **Vida Contraditória de Machado de Assis**: “**Com paciência** levantar-se-á o quadro clínico dos males que o castigaram. O ar triste, que a miopia agrava, atribue-lhe certidão excessiva de idade. Os olhos lhe foram amigos ingratos” (pag. 235). A higiene ocular inverteria os termos da frase: os olhos foram vítimas de um amigo impiedoso...

Retratando-se no **Memorial**, confessa o romancista: “...dava-se a **trabalhos diversos** para acudir com suprimentos à escassez dos vencimentos. Ele via as cousas pelos seus proprios olhos, mas **si estes eram ruins ou doentes**, quem lhe dava remédio ao **mal físico ou moral** era ela (D. Carmo)”. Numa crônica semanal esclarece: “**Ando com uma vista** muito inflamada, a ponto de não poder ler nem escrever. **A falta de olhos é tudo**”. A referencia à **neurastenia ocular**, predominante à direita, confirma a observação do aumento da anomalia no lado em que o trabalho visual é feito de menor distância.

A fama de habil revisor transpuzera fronteiras e da **presidência de Minas** recebia encomendas de artigos para o **jornal sob a sua direção**, com o pedido de serem escritos e **revistos** por ele proprio; tambem dos contratos de venda da propriedade das suas obras, **ainda no final da vida**, constava a cláusula abusiva da **revisão pessoal** das provas das **antigas e novas produções**.

“Não escrevo mais **por causa dos olhos**”; “as minhas enfermidades as vou espiando com **olhos cansados**”, — são frases encontradiças na correspondência do mestre; tambem estas, significativas... “o muito trabalhar destes ultimos dias tem me trazido alguns **fenomenos nervosos**...”; “ontem (dia de Natal) gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa... para quem já havia trabalhado na véspera (domingo) foi realmente demasiado... mas **eu não me corrijo**”.

A consequência não se fez esperar e, com ela, os rogos filiais de Mario de Alencar: “Essa pequena **crise** é uma **advertência da natureza**; não desanime, veja nela apenas a confirmação dos meus pedidos e das minhas ponderações a respeito do seu trabalho”.

Mario de Alencar escrevia-lhe bilhetes expressivos: “... como resposta basta uma palavra sua; **não fatigue os seus olhos**”. O discípulo diléto capacitara-se da **relação de causalidade** entre o trabalho ocular e as crises nervosas do mestre, do que aliás ha documentação precisa, da propria lavra machadiana: “4 de set. a **ausencia** em casa do Garnier” (livraria instalada em “casa velha e escura”, — Aloysio de Castro); “janeiro, **noite**, de 14, jogando gamão, **ausencia**: 31, **ausencia, escrevendo de manhã**”... (Catálogo, pag. 137); tambem foi vitimado de crises no serviço administrativo, em que atingira o posto de Diretor da Contabilidade do departamento público de mais intensa atividade da época, o Ministério da Viação, centro de vinte e quatro serviços de âmbito nacional, hoje distribuidos por quatro ministérios.

Eram as inevitáveis alternativas do ciclo ternário “**introversão míopica — neurastenia ocular — extroversão epilética**”, intercaladas de breve repouso ocular imposto pelas crises. Constituida a doença e **mantida a causa**, prestes se renovariam os acessos com ritímicos intervalos, de duração subordinada a vários fatores (intensidade de trabalho, provações, etc.).

A Joaquim Nabuco, e outros, manifestava o “**temor de perder os olhos**”; duvidava, outras vezes, da possibilidade de lançar novos livros: “faltam-me forças e **olhos para outro**”. A perda dos olhos afigurava-se-lhe a ruina da propria **personalidade**, assim tolhida do seu mais vigoroso meio de expressão: “Ha um olhar digno, desses olhares que parecem vir das estrelas, qualquer que seja a estatura da pessoa”, — destacou algures, numa frase em que a fisiologia ocular jamais encontrará tão alta destinação espiritual, mesmo na opulenta obra em que o grande estilista atribuiu sempre a “nota dominante” ao sentido da visão.

A cegueira de Castilho, quando da sua passagem pelo Rio e, também, a de Monte-Alverne fundamente o impressionaram na juventude; a este último dedicou um dos seus poemas, precursôres da métrica do **Navio Negroiro**:

“Corrido o véo pelos **cansados olhos**
Nem via o sol que lhe contava os dias,
Ele — fecundo sol!”

Parafrazeando a beleza dialética da “**felix culpa**”, devemos reverenciar a ametropia que motivou o fausto acidente machadiano na história do nosso espírito, “ilha solitária, perdida no lago sem surpresas da literatura brasileira”, na concisa definição de um comentador da grande obra.

Jamais as letras pátrias saldarão o seu débito com a miopia que lhes proporcionou as mais profundas e amenas páginas de psicologia individual. Focalizando o efeito, sem aprofundar-se em desvendar as causas biológicas das “advertências da natureza”, assinalou Tristão de Ataíde em agudo ensaio publicado ao ensejo do centenário machadiano: “Ninguém lhe poderá negar a função decisiva que representou em nossas letras quando deslocou da **Paisagem** para o **Homem** o centro de interesse intelectual da nossa literatura”. O escritor miope obedeceu ao próprio conceito de que “cada um trate do que **lhe dá mais gosto**”: Copiando as uvas da fábula, facilmente consola-se, como o desenhista tanto mais afeiçoado a sua arte quanto menos a anomalia ocular lhe permita as distrações sedutoras do ambiente: “O exterior muda; o essencial é a alma do homem”, é o pensamento que ilustrou com a observação de crítico: “uma das partes mais difíceis do romance e, ao mesmo tempo, das mais superiores, é a análise das paixões e dos caracteres”. Compreende-se, pois que, intimamente o solitário do Cosme Velho, estimasse, até, a ametropia que o afastava do tumulto dispersivo da vida. No assinalado **espírito de infância**, era o **profissional exclusivo das letras homem incorrigível** que “péga em si, mete-se no cantinho do gabinete entre os seus livros e **elimina o resto**”. Possuía a **timidez** peculiar àqueles miopes capacitados de que o melhor da sua força visual se encontra à mercê de um instável aparelho, equilibrado à frente dos olhos baços. Sendo o mundo a nossa representação exterior, a extrema introversão miópica explica a misantropia machadiana e, também, o deslocamento do centro de interesse da paisagem para o homem, promovido na literatura pátria pelo insuperável analista da alma humana, sincero ao dizer: “sempre me sucedeu apreciar a

maneira por que os caracteres se exprimem e se compõem"... "ouvi todas essas minúcias e ainda outras com interesse" (**Memorial**, pag. 183).

As precárias condições visuais de Machado de Assis obstaram-no de engalanar a obra imortal com as festejadas belezas da sua terra, de outro modo celebradas pelo gênio do estilo; privaram as letras brasileiras da obra-prima definitiva do mestre, o "**outro Eclesiastes, à moderna**", que ele no **Memorial** manifestou a intenção de escrever "si não tivesse **os olhos adoentados**" (pag. 127); o proprio **Memorial** experimentou também a reiterada ameaça de interrupção por motivo dos "**olhos cansados, acaso doentes**" (pag. 126).

Tornaram-no, as deficientes condições oculares, segundo a observação dos seus biógrafos, "mais auditivo do que visual", atento aos ruídos e pregões da via pública; com todas essas limitações, surgidas na juventude e agravadas na maturidade e na velhice, com reflexos sobre a propria feição literária indecisa, que assumiu o caráter pendular, copiando as crises antagonicas da doença do escritor, a quem tudo se afigurava "contraditório e vago", como o personagem de Goethe em cujo seio moram "duas almas"; tipo de **errata pensante**, continuamente a corrigir-se; a despeito dos mais rudes obstáculos, dominou-os todos e **superou-se a si próprio**, pulverizando em definitivo, com a modestia da origem, as infundadas teorias racistas.

Inspirou, assim, a Nabuco a advertência patriótica que, por vir do estrangeiro, assumiu o tom de uma voz da posteridade: "**devemos tratá-lo com o carinho e a veneração com que no Oriente, tratam as caravanas a palmeira, às vezes solitária, do oasis**". Estimulou-nos, por fim, com a sua dolorosa mensagem de inexcedível amor às letras e ao Brasil, a cumprir rigorosamente o dever, em todos os setores que nos sejam ditados pelos interesses permanentes da nossa Pátria.

CONCLUSÕES:

1 — Impõe-se a necessidade da formação de uma **conciência ocular**, como fator de cultura e economia social.

2 — O trabalho visual contínuo, de perto, pode promover ou agravar estados patológicos oculares.

3 — O caso oftalmológico de Machado de Assis, tomado como paradigma, serve de instrutivo modelo, nele podendo se rever os estudiosos e intensivos trabalhadores visuais.